MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA

A arte de trabalhar o vime: "Empalhar garrafões"

MADEIRA ETHNOGRAPHIC MUSEUM

The Art of Wickerwork: 'Wrapping carboys with straw'

ACESSO ÀS COLEÇÕES EM RESERVA
NO MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA

Projeto semestral com o objetivo de dar a conhecer ao público o acervo do museu, que se encontra em reserva, permitindo a sua rotatividade.

A arte de trabalhar o vime: "Empalhar garrafões"

Com o objetivo de proporcionar uma maior rotatividade das coleções, o museu dá continuidade ao projecto denominado "Acesso às coleções em Reserva", sendo apresentada, semestralmente uma nova temática.

Pretende-se, com esta exposição, divulgar uma tradição ancestral, subjacente a um *saber fazer* que faz parte do nosso património cultural material e imaterial e que representa a herança cultural de gerações passadas.

A exposição aborda uma técnica aplicada ao vime, similar à da cestaria, ao nível de matérias-primas, técnicas e ferramentas utilizadas pelos artesãos.

O museu dá a conhecer ao público, as diferentes fases da cadeira operatória, com as obras da autoria de Fernando Humberto de Castro, residente ao sítio do Moreno, concelho da Ribeira Brava, que utiliza *a liaça* e de Manuel Albino dos Santos, residente na Fajã dos Vinháticos, concelho de São Vicente, que utiliza o vime inteiro.

O vime, é um material de origem vegetal, utilizado desde a antiguidade. É uma haste ou vara mole, flexível, comprida retirada da planta do vimieiro, e tinha um papel fundamental, no nosso quotidiano já que constituía a matéria-prima, que era utilizada no fabrico de objetos utilitários e decorativos, nomeadamente, cestaria e mobiliário, sendo usado, também, no empalhamento de garrafas e garrafões

A cultura do vime, outrora muito abundante na Ilha da Madeira, resume-se atualmente a pequenas produções com destaque para as freguesias da Camacha, Boaventura e Curral das Freiras.

MADEIRA ETHNOGRAPHIC MUSEUM
"ACCESS TO THE MUSEUM'S COLLECTIONS"

This is a six-month project which aim is to get the public acquainted with the museum's collection in store, thus allowing the rotation of its collections.

The Art of Wickerwork: 'Wrapping carboys with straw'

In order to provide a greater rotation of the collections, the museum proceeds with the project entitled "Access to the Collections in Store", with a new thematic every six months.

The aim of this exhibition is to disclose an ancestral tradition, underlying to a know-how that is part of our immaterial cultural heritage and represents the cultural heritage of past generations.

The exhibition is about a technique applied to wicker, similar to basketry, in matter of raw materials, techniques and tools used by craftsmen.

The museum demonstrates to its guests the different stages of the making of these utilitarian items, with works by Fernando Humberto de Castro, from Moreno, Ribeira Brava, who uses "*liaça*" and Manuel Albino dos Santos, from Fajã dos Vinháticos, São Vicente, who works with the whole wicker.

The wicker is a material of plant origin, used since ancient times. It is a soft, flexible, long stem or stick taken from the wicker plant. It played a fundamental role in daily life, as it was the raw material used in the manufacture of several utilitarian and decorative objects, namely basketry and furniture, and was also used in the packaging of bottles and carboys.

Once very abundant in Madeira, the wicker culture shortens down to small productions currently made in the parishes of Camacha, Boaventura and Nun's Valley.

The wicker is pruned in the first three months of the year. It is cooked in a cauldron in high temperatures, then is peeled by hand, a work

Os vimes são podados nos primeiros três meses do ano. Vão a cozer dentro de um "caldeiro", a altas temperaturas, depois são descascados à mão, um trabalho normalmente efetuado por mulheres e colocados a secar ao sol, antes de serem utilizados.

Os garrafões são recipientes de vidro, de diversos tamanhos, com capacidade variável entre os 5 e os 25 litros, utilizados para guardar e conservar o vinho produzido nas unidades domésticas. A arte de "empalhar" garrafões, com asa incorporada, surgiu da necessidade de proteger o vidro das pancadas, durante o seu transporte, ou no seu acondicionamento.

usually done by women, and dried in the sun before use.

Carboys are glass containers of various sizes, with a capacity ranging from 5 to 25 liters, used to store and preserve wine produced in domestic units. The art of "stuffing" carboys with a built-in wing arose from the need to protect the glass from knocking, during transportation, or in packaging.

A matéria-prima: o vime

O vime é uma haste ou vara delgada e flexível, de cor amarelada que se retira da planta chamada vimieiro.

O vimieiro *"É um arbusto ou pequena árvores com ramos compridos e flexíveis e as folhas lanceoladas, as adultas, glabras, as novas um tanto acetinadas. Só existe na Madeira indivíduos femininos, mas estes são extremamente abundantes e multiplicam-se de estaca com uma facilidade extrema.*

Os ramos mais longos do vimieiro utilizam-se para o fabrico de grande número de móveis e utensílios, tais como canapés, cadeiras, mesas, carros, cestos, etc. os mais curtos para ligamentos e vencelhos, assim como para algumas obras miúdas que se fabricam na ilha."[1]

The raw material: the wicker

The wicker is a slender, flexible, yellow-coloured stem or stick that comes from the plant called *vimieiro*.

The *vimieiro "is a shrub or small tree with long and flexible branches and spear-shaped leaves, the oldest are hairless and the new ones are satiny. There are only female species in Madeira, but it is extremely abundant and multiply with great easiness.*

The longest branches of vine are used for the manufacture of many furniture and utensils such as settees, chairs, tables, cars, baskets, etc. while the shorter ones are used for ligaments and mattes, as well as some fine works that are made on the island."

During the 20th century, the cultivation of *vimieiro*, especially in the Northern part of the island and mountain districts, where a rainy and humid climate predominates, favourable to the development of this plant, was one of the dominant crops and

1 SILVA, Fernando Augusto e MENEZES, Carlos Azevedo, *Elucidário Madeirense*, SRTC, Direção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal Vol.3 O-Z, 1998 Funchal

O cultivo do vimieiro, sobretudo nos concelhos do norte da Ilha da Madeira e regiões montanhosas, onde predomina um clima chuvoso e húmido, propício ao desenvolvimento desta planta foi, durante o Séc. XX, uma das culturas dominantes e uma das principais fontes de rendimento para muitas famílias, fornecendo a matéria-prima à indústria da obra de vime.

A obra dos artefactos em vime, que segundo consta terá tido início na freguesia da Camacha, por volta de 1850, atingiu o seu apogeu durante grande parte do Séc. XX, com exportações para o estrangeiro e território continental.

Esta indústria encontra-se atualmente em declínio, o que consequentemente levou ao abandono quase total das atividades do cultivo e preparação do vime, devido ao pouco rendimento económico daí resultante. Muitos artesãos são obrigados a importar vimes para executarem os seus trabalhos.

Contudo, ainda existem pequenas produções de vime regional, com maior incidência nas localidades da Camacha, Curral das Freiras e Boaventura, sendo nesta última que José Figueira mantém a sua produção, utilizando os métodos tradicionais do tratamento do vime.

A poda do vimieiro é executada no período de descanso vegetativo da planta, o que corresponde aos meses de janeiro a março. No ato da poda procede-se à separação dos vimes por tamanho e espessura, tendo em conta a sua finalidade: os mais pequenos e finos, por exemplo, para empalhar garrafões e objetos de menores dimensões, os maiores e mais grossos, para cestos de vindima e peças de maiores dimensões.

one of the main sources of family income, supplying the wicker industry with the raw material.

The manufacture of the wicker artefacts, which is said to have begun in the parish of Camacha around 1850, reached its peak during the 20th century, with exports abroad and to the mainland as well.

This industry is currently in decline, which has led to almost total abandonment of wicker cultivation and preparation activities due to the resulting law economy to perform their work. Many workers are forced to import wicker to be able to do their work.

However, there are still small wicker productions in the localities of Camacha, Nuns Valley and Boaventura. It is in Boaventura that José Figueira maintains his production using the traditional methods of handling the wicker.

The pruning of this plant is during the period of the plant's vegetative resting time, which corresponds to the months from January to March. When the pruning occurs, the wicker is separated by size and thickness, also bearing in mind its purpose: the smallest and thinnest, for example, are used for packing carboys and smaller objects, whilst the largest and thicker for baskets used in harvest and pieces of larger dimensions.

O tratamento do vime

A cozedura consiste em introduzir o vime num "caldeiro", com água, durante 4 horas. São tapados com plásticos resistentes ao calor, presos com tábuas e ferros, para não deixar evaporar a água, evitando que estes sequem.

Depois de cozidos, os molhos de vimes são retirados do "caldeiro", ainda com a água a ferver a altas temperaturas.

Os vimes são distribuídos pelas mulheres, sentadas na berma da estrada, em cima de "montes" de cascas de vimes.

Tal como outrora, a tarefa de descascar os vimes, continua confinada às mulheres.

Depois de descascados, os vimes são novamente separados por tamanhos, amarrados em molhos e colocados a secar ao sol.

The wicker processing

The cooking involves placing the wicker in a cauldron with water for four hours. The wicker is covered with heat resistant plastic, secured with wood board and iron, so the water does not evaporate, preventing it from drying out.

Once cooked, the wicker is removed from the cauldron, still boiling at high temperatures.

The wicker is distributed to women, sitting on the side of the road, on top of a lot of wicker barks.

Like in ancient times, the task of peeling wicker remains restricted to women.

Once peeled, the wicker is again divided according to its size, tied in bunches and dried in the sun.

FERNANDO HUMBERTO CASTRO

"Empalhamento" do garrafão, com *liaça*

Com o objetivo de salvaguardar e valorizar os conhecimentos e as técnicas inerentes a um *saber fazer* que tem sido transmitido de geração em geração, Fernando Humberto Castro de 62 anos, residente ao Sítio do Moreno, no concelho da Ribeira Brava, dedica os seus tempos livres ao empalhamento de garrafões, uma arte que aprendeu desde novo com o pai. Utiliza o vime como matéria-prima, cujo tratamento é feito pelo artesão, na unidade doméstica. O tempo de execução do artefacto depende do seu tamanho mas, em média, leva duas horas e meia para empalhar um garrafão de cinco litros.

Antes de dar início ao trabalho, coloca o vime a demolhar durante algumas horas para que se torne mais flexível e mais fácil de manusear.

Wrapping carboys, with 'liaça'

In order to safeguard and heighten the knowledge and techniques inherent in a know-how that has been passed down from generation to generation, Fernando Humberto Castro, age 62, from Sítio do Moreno, Ribeira Brava, dedicates his free time to the stuffing of carboys, an art he learned from a young age together with his father. He uses wicker as a raw material, after it is processed by the artisan in his house. The artefact's making time depends on its size but, on average, it takes two and a half hours to wrap a five-litter carboy.

Before starting the work, the wicker is soak for a few hours to make it more flexible and easier to handle.

O artesão inicia o processo de "empalhação", prendendo vinte e dois vimes, ao redor do gargalo, criando uma estrutura inicial.

De seguida, com um vime mais fino, a *liaça,* faz o entrelaçado, passando ora por cima ora por baixo dos vimes da estrutura.

Chegado ao fim do gargalo, o artesão continua com o processo de "empalhamento" pelo corpo do garrafão, entrelaçando, alternadamente, a *liaça* amarela e a castanha, humedecendo-as com um pano molhado, para que não se partam.

O artífice dá continuidade ao entrelace, até alcançar a altura máxima do garrafão.

The artisan begins the process of wrapping, by attaching twenty-two wickers to the bottleneck, creating the initial structure.

Next, with a thinner wicker, the *liaça*, he interlaces the *liaça* with the wicker, going one time above and another under the structure of wicker.

When he reaches the end of the bottleneck, the artisan continues the process of wrapping the carboy, alternately intertwining the yellow and the brown *liaça*, moistening it with a wet fabric so it does not break.

He then continues the interlacing until the maximum height of the carboy.

O fundo do garrafão é feito à parte. O artesão corta o vime inteiro, com o comprimento adequado à dimensão da base do artefacto.

Com o furador, faz uma abertura no primeiro conjunto de vimes e, depois, passa os do segundo conjunto, um a um, pela abertura, formando uma cruz circular.

Concluído este processo, procede ao seu entrelaçamento.

A base é encaixada e fixada no fundo do garrafão ao mesmo tempo que prende, em forma de trança, todos os vimes que vêm do gargalo.

Finalizado o processo de "empalhação", o artesão procede a execução da asa, feita com dois vimes torcidos, que formam uma trança.

A asa é presa na parte lateral, entre o bojo e o gargalo do garrafão.

The bottom of the carboy is done separately. The craftsman cuts the entire wicker with the appropriate length to the size of the artefact's base.

With the hole puncher, he makes an opening in the first wicker set and then passes the second set, one by one, trough the opening, forming a circular cross.

Once this process is complete, he interlaces it.

The base is attached and fixed to the bottom of the carboy while braiding all the wicker that comes from the bottleneck.

After the process of wrapping, the artisan proceeds to the making of the wing, made with two twisted wickers, forming a braid.

The wing is then attached to the side, between the bulge and the bottleneck.

O artesão utiliza as seguintes ferramentas: o podão, para aparar as pontas; a navalha para limpar e aguçar o vime; o furador para enfiar o vime no acabamento do garrafão; *o rachador* (rachadeira) para abrir o vime em duas, três ou mais partes; o alicate para puxar a *liaça*, de forma a ficar o mais apertada possível e o malho para bater o vime, depois do acabamento.

Humberto Castro, conclui, que esta arte tende a desaparecer devido à falta de interesse e boa vontade da camada mais jovem no que toca à transmissão deste *saber fazer*, que é uma expressão do nosso património cultural imaterial.

The craftsman uses the following tools: the trimmer for the split ends; the razor for cleaning and sharpening the wicker; the hole punch to push the wicker into the finish of the carboy; the splitter to open the wicker in two, three or more parts; the pliers to pull the lacquer to be as tight as possible and the mallet to hit the wicker after finishing.

Humberto Castro concludes that this art tends to disappear due to the lack of interest and goodwill of the younger generation regarding the knowledge of this know-how which is a manifestation of our intangible cultural heritage.

MANUEL ALBINO DOS SANTOS

"Empalhamento" do garrafão, com vime inteiro

Manuel Albino dos Santos, 54 anos, residente na Fajã dos Vinháticos, sítio dos Lameiros, concelho de São Vicente, aprendeu a trabalhar na obra de vimes, desde muito novo, com o seu irmão, através da observação e imitação do trabalho executado pelo seu pai, o seu avô e o seu tio, que trabalhavam a tempo inteiro nesta arte.

Produziam, em grande número, cestos de diferentes dimensões, nomeadamente os chamados "areeiros" ou os cestos de vindimas, "gigas", que vendiam para as lojas de ferragens, no Funchal, numa época em que os cestos de vimes eram muito utilizados nos trabalhos agrícolas e na construção civil.

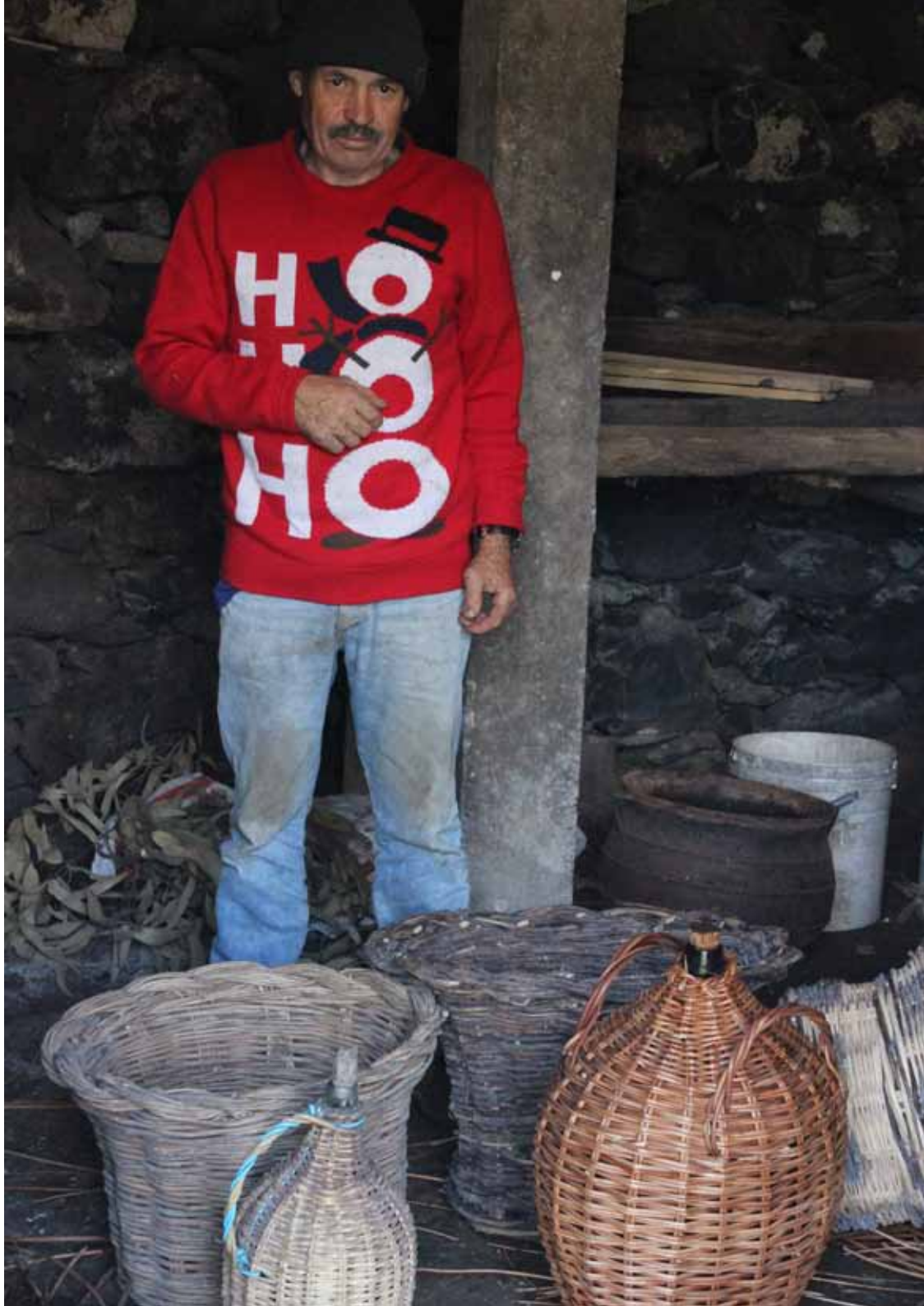
Deu continuidade a esta arte, que realiza esporadicamente nos tempos livres, dedicando-se, nos últimos anos, sobretudo ao empalhamento de garrafões com vime inteiro.

Wrapping carboys, the wicker

Manuel Albino dos Santos, 54, from Fajã dos Vinháticos in Lameiros, São Vicente, learned to work with wicker from an early age with his brother trough observation and replication of the work done by his father, grandfather and uncle, who worked full time on this art.

They produced in large scale baskets of different sizes, namely "*areeiros*" or the "*gigas*", which were sold to hardware stores in Funchal, at a time when wicker baskets were widely used in agricultural and construction works.

He allowed the continuity of this art, which he sporadically performs in his free time, and has devoted himself, in recent years, mainly to the wrapping of whole wicker carboys.



Para empalhar garrafões, usa vimes que adquire a José Figueira, residente na Fajã do Penedo, um dos poucos produtores de vimes do concelho de São Vicente e já referenciado neste levantamento.

O artesão inicia o processo de "empalhação" preparando uma estrutura com vinte e dois vimes, agrupados dois a dois, que depois encaixa no garrafão.

Ajusta e prende os vimes no gargalo do garrafão com uma trança e inicia o entrelaçamento.

A partir do gargalo, os vimes são cruzados dois a dois, na horizontal, entre as hastes da estrutura.

À medida que o vime vai terminando, prende a ponta debaixo dos vimes do entrelaçado e vai encaixando novos vimes cortado "em cunha", até terminar o "empalhamento".

To wrap the carboys, he uses wicker bought from José Figueira, from Fajã do Penedo, one of the few wicker producers of São Vicente and already talked about in this assessment.

The artisan begins the process of wrapping by preparing a structure of twenty-two wickers, groups two by two, which then fits into the carboy.

Making a braid, he adjusts and attaches the wicker to the bottleneck and begins interweaving.

From the bottleneck down, the wicker is crossed two by two horizontally between the rods of the structure.

As the wicker becomes smaller, he grips its split ends under the interlaced wicker and puts in more wedge-cut wicker until the wrapping finishes.

Terminado o “empalhamento” do garrafão, o fundo é feito à parte. Utiliza quatro vimes por cima e quatro por baixo, colocados em forma de cruz, amarrados com vime, que depois são abertos, formando uma estrela com 16 hastes e inicia o “entrelaçamento.”

O fundo depois de pronto, é encaixado e fixado no garrafão.

As hastes da estrutura que vêm desde o gargalo, são entrelaçadas em forma de trança, de modo a reforçar e proteger o fundo do garrafão.

Para terminar o empalhamento, o artesão prende no bojo duas asas com vime entrelaçado, semicirculares, uma de cada lado do garrafão.

After the wrapping, the basis is done separately. He uses four wickers above and four below, placed as a cross, tied with wicker, which then is opened forming a star with 16 stems and initiates the interlacing.

When the bottom is ready, it is attached and fixed in the carboy.

The rods from the bottleneck down, are braided to reinforce and protect the bottom of the carboy.

To finish the stuffing, the artisan holds together two intertwined, semi-circular wicker wings on each side of the carboy.

BIBLIOGRAFIA

SILVA, Fernando Augusto e MENEZES, Carlos Azevedo; *Elucidário Madeirense,* Vol.3, SRTC, Direção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 1998

BIBLIOGRAPHY

SILVA, Fernando Augusto e MENEZES, Carlos Azevedo; *Elucidário Madeirense,* Vol.3, SRTC, Direção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 1998

FICHA TÉCNICA

Coordenação
Lídia Góes Ferreira

Textos
Dalila Fernandes
e Fernando Libano

Tradução para inglês
Cátia Santos/DRC

Fotografia
Dalila Fernandes,
Fernando Libano
e Florêncio Pereira

Design e Impressão
Márcio Ribeiro/DRC

Montagem
César Ferreira,
Dalila Fernandes,
Fernando Libano,
Florêncio Pereira,
João Carlos Terra Boa
e Pascal Oliveira

Edição
Janeiro 2020.

DATASHEET

Coordination
Lídia Góes Ferreira

Texts
Dalila Fernandes
and Fernando Libano

Translation
Cátia Santos/DRC

Photography
Dalila Fernandes,
Fernando Libano
and Florêncio Pereira

Design and printing
Márcio Ribeiro/DRC

Setting-up
César Ferreira,
Dalila Fernandes,
Fernando Libano,
Florêncio Pereira,
João Carlos Terra Boa
and Pascal Oliveira

Edition
January 2020.

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA
Rua de São Francisco, 24
9350-211 Ribeira Brava
Telefone 291 952598
E-mail museuetnografico@gmail.com
Facebook museuetnografico.damadeira

Região Autónoma da Madeira
Governo Regional

Secretaria Regional
de Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA